

Escola Superior São Francisco de Assis

Curso de Graduação em Medicina Veterinária

Ana Luiza Neves Briel

Nicole Lima Degasperi

**HIPERSENSIBILIDADE ALIMENTAR EM CÃES:
REVISÃO DE LITERATURA**

Santa Teresa – ES

2025

Ana Luiza Neves Briel

Nicole Lima Degasperi

HIPERSENSIBILIDADE ALIMENTAR EM CÃES: REVISÃO DE LITERATURA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação do curso de Medicina Veterinária da Escola Superior São Francisco de Assis, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Medicina Veterinária.

Orientador: Prof^ª. Ma. Gabriela Ponath Peruzzo

Santa Teresa – ES

2025

Ana Luiza Neves Briel

Nicole Lima Degasperi

HIPERSENSIBILIDADE ALIMENTAR EM CÃES: REVISÃO DE LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do curso de Medicina Veterinária da Escola Superior São Francisco de Assis como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Medicina Veterinária.

Aprovada em __ de _____ de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Gabriela Ponath Peruzzo
Escola Superior São Francisco de Assis

Prof. Dr. Gabriel Henrique Taufner
Escola Superior São Francisco de Assis

Prof. Dr. João Zamae
Escola Superior São Francisco de Assis

“A saúde dos animais reflete o cuidado e o respeito que temos pela vida em todas as suas formas.” – Mahatma Gandhi

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, força e sabedoria para chegar até aqui.

A nossa família, pelo amor, apoio e incentivo em todos os momentos.

Aos amigos e colegas, pela parceria e companheirismo durante essa jornada.

A nossa orientadora, Prof^a. MSc. Gabriela Ponath Peruzzo, pela dedicação, paciência e conhecimento compartilhado.

Ao professor de TCC, Prof. Dr. Gabriel Henrique Taufner, pela orientação e contribuição para o desenvolvimento deste trabalho.

À Escola Superior São Francisco de Assis (ESFA), pela formação acadêmica e oportunidade de aprendizado.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste estudo, meu sincero agradecimento.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Eritema em abdômen.	11
Figura 2 - Pústulas em pele de cão.	12
Figura 3 - Hiperpigmentação (A) e liquenificação (B) em pele.....	12

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1 ETIOLOGIA E FATORES DE RISCO	8
2.2 FISIOPATOGENIA DA HIPERSENSIBILIDADE ALIMENTAR	9
2.3 ALIMENTOS E INGREDIENTES ALERGÊNICOS COMUNS	10
2.4 SINAIS CLÍNICOS	10
2.5 DIAGNÓSTICO	14
3 PROBLEMATIZAÇÃO	16
4 JUSTIFICATIVA	17
5 OBJETIVOS	18
5.1 GERAL	18
5.2 ESPECÍFICOS	18
6 ARTIGO CIENTÍFICO	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

1 INTRODUÇÃO

A hipersensibilidade alimentar na clínica veterinária de pequenos animais, é uma condição imunomediada causada por alérgenos presentes na dieta. O principal sintoma é o prurido não sazonal, geralmente pouco responsivo a corticoides, mas com melhora observada por meio da dieta de eliminação, considerada o padrão ouro para diagnóstico (Ângelo, 2022).

No contexto brasileiro, a hipersensibilidade alimentar ocupa a terceira posição entre as doenças dermatológicas de origem alérgica mais frequentemente observadas em cães, sendo superada apenas pela dermatite alérgica decorrente de picadas de ectoparasitas (DAPE) e pela dermatite atópica canina (Rondelli e Costa, 2015).

O processo diagnóstico das reações adversas a alimentos em pequenos animais requer uma abordagem diferenciada, visto que sinais clínicos semelhantes também podem ser provocados por alérgenos ambientais. Isso reforça a necessidade de integrar histórico clínico detalhado, exclusão de outras causas e a utilização da dieta de eliminação como principal ferramenta, garantindo maior precisão no diagnóstico (Rodrigues et al., 2011).

O tratamento da hipersensibilidade alimentar em cães e gatos é baseado no uso de dietas de exclusão, feitas com proteínas novas ou hidrolisadas, sendo considerado o método mais eficaz para o controle clínico. As dietas devem oferecer proteínas com propriedades específicas, conter uma quantidade limitada de aditivos e possuir alta digestibilidade, além de atender às necessidades nutricionais do animal. Com base nesses critérios, foram desenvolvidas dietas comerciais de eliminação utilizando proteínas hidrolisadas, as quais reduzem o tamanho dos componentes antigênicos dos alimentos, diminuindo assim a exposição ao sistema imunológico (Salzo; Larsson, 2009). O uso de medicamentos só é indicado de forma temporária, enquanto a dieta se mantém como a principal forma de manejo (Jackson et al., 2023).

Por isso, o presente trabalho teve o objetivo revisar a hipersensibilidade alimentar em pequenos animais, abordando suas causas, manifestações clínicas, diagnóstico e estratégias de manejo nutricional, visando melhorar a qualidade de vida dos pacientes e auxiliar nos atendimentos clínica veterinária. O estudo dessa condição é essencial para um diagnóstico correto e tratamento eficaz.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ETIOLOGIA E FATORES DE RISCO

Os mecanismos que desencadeiam a hipersensibilidade alimentar permanecem apenas parcialmente compreendidos, sendo alvo de investigação constante na medicina humana e veterinária. Em humanos, predomina a hipersensibilidade do tipo I, mediada principalmente por imunoglobulina E (IgE), caracterizada por início rápido dos sinais clínicos, geralmente minutos a poucas horas após a exposição ao alérgeno. Entretanto, também podem ser observadas respostas tardias, envolvendo mecanismos de hipersensibilidade dos tipos II e IV, que se instalam de forma mais lenta e prolongada. Esse padrão imunológico apresenta grande semelhança ao identificado em cães e gatos, sugerindo uma base fisiopatológica compartilhada entre espécies distintas (Centurião, 2023).

No que se refere à hipersensibilidade alimentar, evidencia-se que não há associação clara com fatores genéticos, sexo ou faixa etária dos animais. Contudo, determinadas raças caninas, como Boxer, Dachshund e Terrier, demonstram maior predisposição ao desenvolvimento desse quadro clínico, o que indica possível contribuição de fatores hereditários ou anatômico-fisiológicos ainda não completamente esclarecidos. A hipersensibilidade alimentar é considerada a terceira dermatopatia alérgica mais prevalente em cães, ficando atrás apenas da dermatite atópica e da hipersensibilidade à picada de ectoparasitas. Entretanto, a determinação de sua incidência real é um desafio para a clínica veterinária, visto que a doença frequentemente ocorre em concomitância com outras afecções alérgicas, como a dermatite atópica, dificultando o estabelecimento de um diagnóstico diferencial preciso. Além disso, a intensidade dos sinais clínicos pode ser atenuada ou até mesmo mascarada quando há tratamento concomitante de outras alergias, o que contribui para subdiagnóstico ou atraso na confirmação da enfermidade (Duranti, 2012).

A resposta imunológica do organismo frente a antígenos alimentares depende de um delicado equilíbrio entre mecanismos de defesa e processos de tolerância imunológica. Para manter essa homeostase, destacam-se três eixos fundamentais: (i) a barreira física da mucosa intestinal, responsável por limitar a penetração de

proteínas alimentares intactas na circulação sistêmica; (ii) a resposta imune inata e adaptativa, que atua de forma coordenada para reconhecer e neutralizar potenciais agentes nocivos; e (iii) os mecanismos específicos de tolerância antigênica, que promovem a aceitação de determinados antígenos sem deflagrar resposta inflamatória exacerbada. O rompimento desse equilíbrio, seja por falhas na integridade da mucosa intestinal, disfunções imunológicas ou predisposições individuais, favorece o desencadeamento das manifestações clínicas da hipersensibilidade alimentar (Duranti, 2011).

2.2 FISIOPATOGENIA DA HIPERSENSIBILIDADE ALIMENTAR

No contexto da hipersensibilidade alimentar, observa-se predominância de uma resposta imunológica mediada por imunoglobulina E (IgE). Esse anticorpo, ao se ligar a mastócitos e basófilos, promove a degranulação celular e a consequente liberação de mediadores inflamatórios, como histamina e serotonina, os quais estão diretamente associados ao surgimento de manifestações clínicas, como prurido, eritema e alterações gastrointestinais. Ressalta-se que, mesmo a ingestão de pequenas quantidades de proteínas alergênicas, pode ser suficiente para desencadear resposta clínica significativa. Em situações mais graves, tais reações assumem caráter sistêmico, podendo acometer o sistema respiratório e evoluir para quadros de maior gravidade (De Aquino et al., 2024).

O trato gastrointestinal desempenha papel duplo e essencial: por um lado, é responsável pela digestão e absorção de nutrientes, garantindo o aporte metabólico necessário à homeostase do organismo; por outro, constitui uma barreira física e imunológica contra a penetração de agentes potencialmente nocivos. Alterações nesse equilíbrio podem favorecer o desenvolvimento de reações alérgicas. Quando proteínas alimentares não são completamente hidrolisadas durante a digestão, fragmentos maiores podem transpor a mucosa intestinal e alcançar células do sistema imune. Nesse contexto, o tecido linfoide associado ao intestino (GALT) exerce função central, uma vez que atua no reconhecimento de antígenos e na modulação das respostas imunológicas subsequentes. Tal processo envolve tanto a produção de imunoglobulinas, particularmente IgE e IgA, quanto a ativação de linfócitos T, que, em condições de desregulação, podem favorecer o estabelecimento de hipersensibilidade alimentar (Campos, 2023).

2.3 ALIMENTOS E INGREDIENTES ALERGÊNICOS COMUNS

Determinados alimentos apresentam maior potencial alergênico em cães em razão das propriedades estruturais de suas proteínas, que são mais resistentes ao calor, à acidez gástrica e à digestão enzimática. Essa característica favorece a passagem de fragmentos antigênicos intactos pela mucosa intestinal e sua interação com células do sistema imunológico, desencadeando respostas de hipersensibilidade (Alessi, 2016; Pali-Schöll et al., 2017).

Entre os principais alérgenos identificados em cães destacam-se carne bovina, frango e derivados lácteos, cujas proteínas de alto peso molecular, como albumina sérica, imunoglobulina G e fosfoglutamase (bovino), albumina e actina (frango) e α -lactalbumina, β -lactoglobulina e caseína (leite), são reconhecidas pela elevada antigenicidade e pela possibilidade de reações cruzadas entre diferentes alimentos, como carne bovina e leite ou ovo e leite (Restani et al., 2009; Pali-Schöll et al., 2017).

O ovo de galinha, sobretudo sua clara, contém proteínas como ovomucóide e ovalbumina, responsáveis por elevado potencial imunogênico e reações cruzadas com proteínas do leite. Já nos cereais, proteínas de difícil degradação como a prolamina do trigo e a zeína do milho são frequentemente associadas a quadros de alergia alimentar, podendo atuar como epítomos antigênicos mesmo após processamento industrial (Martin, 2004; Kang et al., 2014).

A ampla utilização de carne bovina, frango e trigo nas rações comerciais, aliada aos processos de fabricação e conservação, contribui para a elevada prevalência desses alimentos entre os principais desencadeadores de hipersensibilidade alimentar em cães (Weis, 2011). Nesse contexto, dietas alternativas, como a alimentação natural, podem representar uma estratégia terapêutica ao diversificar as fontes proteicas e reduzir a exposição a ingredientes repetitivos e aditivos. Contudo, sua formulação deve ser realizada sob supervisão profissional, a fim de garantir equilíbrio nutricional e segurança alimentar (Macedo et al., 2018; Bragança; Queiroz, 2020).

2.4 SINAIS CLÍNICOS

De acordo com Gaschen e Merchant (2011), os sinais clínicos da hipersensibilidade alimentar em cães são predominantemente dermatológicos, apresentando-se sob a

forma de dermatite alérgica e prurido não sazonal, que pode variar de moderado a intenso e manifestar-se de maneira localizada ou generalizada. As regiões mais frequentemente acometidas incluem face, pavilhões auriculares, membros e região ventral. O prurido persistente leva frequentemente a traumas auto infligidos, resultando em escoriações, alopecia e piodermite secundária. Outras manifestações dermatológicas incluem eritema (Figura 1), pápulas, pústulas (Figura 2), otite externa, seborreia e urticária. Em áreas submetidas a trauma recorrente, observa-se a progressão para hiperpigmentação e liquenificação (Figura 3), caracterizando lesões crônicas. Em alguns pacientes, infecções bacterianas, como a foliculite estafilocócica, podem surgir de forma independente do prurido, apresentando resolução clínica apenas após tratamento antimicrobiano adequado.

Figura 1 - Eritema em abdômen.



Fonte: Oliveira et al. 2025.

Figura 2 - Pústulas em pele de cão.



Fonte: <https://www.douxo.com/pt/pele-do-caos/infeccao-bacteriana-da-pele-pioderma-foliculite>

Figura 3 - Hiperpigmentação (A) e liquenificação (B) em pele.



Fonte: A- Rodrigues et al., 2022; B- Clinica Vet Care.

Figura 4 - Cadela apresentando lesões alopécicas sem padrão determinado, hiperqueratose e hiperpigmentação.



Fonte: De Oliveira, 2024.

Figura 5 - Cadela apresentando pele espessada e eritematosa.



Fonte: Ângelo, 2022.

Embora os sinais cutâneos sejam predominantes, uma parcela menor que 20% dos cães com hipersensibilidade alimentar apresentam manifestações gastrointestinais concomitantes. Quando presentes, essas manifestações geralmente ocorrem em associação ao prurido, o que aumenta a probabilidade diagnóstica de hipersensibilidade alimentar (Moreno; Tavera, 1999; Jasmin, 2001; Paterson, 2008). Os sintomas gastrointestinais descritos incluem vômitos ocasionais, por vezes acompanhados de hematêmese, diarreia aquosa, mucoide ou hemorrágica, dor abdominal, flatulência, aumento da frequência e da intensidade dos movimentos intestinais, prurido anal, perda de peso, hiporexia ou anorexia, além de colite, tenesmo e, em casos mais graves, fístulas perianais (Wills & Halliwell, 1994; Moreno & Tavera, 1999; Jasmin, 2001; Paterson, 2008).

Além das manifestações cutâneas e gastrintestinais, estudos relatam ainda a ocorrência de alterações comportamentais, atribuídas ao desconforto crônico decorrente da hipersensibilidade alimentar. Entre essas alterações destacam-se irritabilidade, hiperatividade e, em alguns casos, depressão, que impactam negativamente o bem-estar e a qualidade de vida do animal (Wills & Halliwell, 1994; Moreno & Tavera, 1999; Jasmin, 2001; Paterson, 2008).

2.5 DIAGNÓSTICO

O diagnóstico da hipersensibilidade alimentar em cães constitui um processo meticuloso e frequentemente prolongado, que requer a exclusão criteriosa de outras enfermidades com manifestações clínicas semelhantes. A investigação diagnóstica envolve a realização de exames complementares, como raspado cutâneo, citologia, cultura microbiológica e testes parasitológicos, a fim de descartar causas parasitárias, bacterianas ou fúngicas de prurido. Entre os principais diagnósticos diferenciais a serem considerados destacam-se a dermatite atópica, otite externa parasitária, sarna sarcóptica, reações adversas a fármacos, dermatite alérgica à picada de ectoparasitas (DAPE), além de dermatites bacterianas e fúngicas e intolerâncias alimentares. O êxito do processo diagnóstico depende não apenas da atuação criteriosa do médico veterinário, mas também da colaboração do tutor, especialmente no cumprimento das recomendações dietéticas e no controle rigoroso de ectoparasitas no animal e no ambiente (Alessio et al., 2017).

Após a exclusão das demais afecções, o método considerado padrão-ouro para a identificação da hipersensibilidade alimentar é o teste de dieta de eliminação seguido por dieta provocativa. Essa abordagem consiste, inicialmente, na instituição de uma dieta composta exclusivamente por ingredientes inéditos na rotina alimentar do animal, mantida por um período mínimo de oito semanas, tempo necessário para observar a regressão dos sinais clínicos (Dunn, 2020). Posteriormente, procede-se à reintrodução controlada e gradual dos alimentos anteriormente consumidos, a fim de verificar se ocorre recidiva dos sinais clínicos, o que confirma a relação entre alimento e hipersensibilidade (Shimakura; Koji, 2021; Tiffany et al., 2019).

Embora a dieta caseira preparada com uma fonte proteica inédita seja a mais indicada no processo diagnóstico, sua implementação pode ser dificultada por fatores logísticos e de adesão por parte dos tutores. Nessas circunstâncias, dietas comerciais formuladas especificamente para animais com hipersensibilidade alimentar constituem alternativa viável, tanto na fase diagnóstica quanto no tratamento. As dietas de eliminação comerciais são geralmente formuladas a partir de proteínas de baixo peso molecular, obtidas por processos de hidrólise enzimática de proteínas maiores, o que reduz sua capacidade antigênica. Além disso, tais formulações apresentam fonte proteica restrita, menor teor proteico total e podem incluir nutrientes com propriedades imunomoduladoras, que auxiliam na modulação da resposta inflamatória e na melhora do quadro clínico (Masuda et al., 2020; Amaral; Mendonça, 2021).

3 PROBLEMATIZAÇÃO

Dentro da clínica veterinária de pequenos animais, as doenças alérgicas representam uma preocupação significativa, com destaque para a hipersensibilidade alimentar como uma das possíveis fontes de alergia. Muitos animais que apresentam essa condição enfrentam manifestações clínicas diversas, que frequentemente comprometem seu bem-estar. No entanto, o diagnóstico da verdadeira causa dessa hipersensibilidade alimentar pode ser desafiador, uma vez que os sintomas podem se sobrepor a outras condições clínicas, dificultando a identificação precisa do agente alergênico responsável.

4 JUSTIFICATIVA

A compreensão da fisiopatogenia, sinais clínicos e principais alimentos relacionados a hipersensibilidade alimentar é fundamental para a investigação precisa de casos de hipersensibilidade alimentar na clínica veterinária de cães. O domínio desse conhecimento permite uma abordagem mais eficiente, economizando tempo e recursos, ao mesmo tempo em que contribui significativamente para a melhoria da qualidade de vida dos animais afetados.

5 OBJETIVOS

5.1 GERAL

Revisar a literatura sobre a hipersensibilidade alimentar em cães, abordando suas causas, manifestações clínicas, métodos diagnósticos e estratégias de manejo nutricional, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos animais acometidos e auxiliar na prática clínica veterinária.

5.2 ESPECÍFICOS

- Discutir as possíveis causas e fatores de risco para o desenvolvimento de alergias alimentares em cães.
- Descrever os principais alimentos e ingredientes que podem causar reações alérgicas em cães.
- Elencar as alterações clínicas associados à hipersensibilidade alimentar em cães, visando facilitar o diagnóstico.

6 ARTIGO CIENTÍFICO

HIPERSENSIBILIDADE ALIMENTAR EM CÃES: REVISÃO DE LITERATURA

FOOD HYPERSENSITIVITY IN DOGS: A LITERATURE REVIEW

BRIEL, A.L.N.¹; DEGASPERI, N.L.¹; PERUZZO, G.P.²

¹*Graduando em Medicina Veterinária, Escola Superior São Francisco de Assis, Santa Teresa, Brasil*

²*Docente do Curso de Medicina Veterinária, Escola Superior São Francisco de Assis, Santa Teresa, Brasil*

RESUMO

A hipersensibilidade alimentar em pequenos animais é uma reação imunológica causada por proteínas ou aditivos da dieta, sendo uma das principais causas de dermatopatias alérgicas em cães. O tema justifica-se pela crescente ocorrência desses casos e pela importância de diagnósticos e tratamentos adequados. O trabalho foi desenvolvido por meio de revisão bibliográfica em artigos e livros recentes. Constatou-se que o diagnóstico é feito principalmente pela dieta de eliminação e que o tratamento se baseia na exclusão dos alimentos alergênicos e no uso de dietas com proteínas novas ou hidrolisadas. Conclui-se que o conhecimento sobre os principais alérgenos é essencial para melhorar a qualidade de vida dos animais acometidos.

Palavras-chave: hipersensibilidade alimentar; dermatite alérgica; dieta de eliminação; cães.

ABSTRACT

Food hypersensitivity in small animals is an immune reaction caused by proteins or additives in the diet, being one of the main allergic skin diseases in dogs. This topic is justified by the increasing number of cases and the need for accurate diagnosis and effective treatment. The study was carried out through a literature review of recent articles and books. It was found that diagnosis is mainly based on an elimination diet and treatment focuses on removing allergenic foods and using diets with novel or

hydrolyzed proteins. It is concluded that knowledge of the main allergens is essential to improve the quality of life of affected animals.

Keywords: food hypersensitivity; allergic dermatitis; elimination diet; dogs.

Introdução

A hipersensibilidade alimentar em cães é um distúrbio imunológico que tem recebido crescente atenção na clínica veterinária, refletindo tanto o aumento no número de diagnósticos quanto a maior preocupação dos tutores com a saúde de seus animais de companhia. Essa condição é desencadeada por reações adversas a componentes da dieta, especialmente proteínas e aditivos, podendo se manifestar por meio de alterações dermatológicas, como prurido e dermatite, além de distúrbios gastrointestinais, comprometendo significativamente o bem-estar dos animais e impactando a qualidade de vida de seus tutores (Duranti, 2011).

Nos últimos anos, o perfil alimentar dos pets tem se transformado paralelamente ao crescimento do mercado pet e à tendência de humanização dos animais de companhia. Essa mudança impulsionou a adoção de dietas naturais, alimentos premium e suplementação nutricional, mas também aumentou a incidência de reações alimentares adversas, especialmente quando não há orientação técnica adequada. Além disso, muitos tutores desconhecem os componentes presentes nos alimentos fornecidos diariamente, o que dificulta a identificação de possíveis alergênicos e compromete a escolha de dietas seguras e balanceadas (Galdino, 2021).

Diante desse cenário, a atuação de profissionais capacitados torna-se essencial, tanto para prevenir o surgimento de reações adversas quanto para conduzir de forma adequada casos já diagnosticados. Nesse contexto, o presente estudo propõe uma revisão da literatura sobre hipersensibilidade alimentar em cães e gatos, abordando suas causas, manifestações clínicas, métodos diagnósticos e estratégias de manejo nutricional. Espera-se que a síntese de informações contribua para diagnósticos mais precisos, intervenções nutricionais mais assertivas e, consequentemente, para a promoção de uma melhor qualidade de vida aos animais afetados e seus tutores.

Metodologia

Este estudo foi conduzido por meio de uma revisão narrativa da literatura sobre os alergênicos alimentares que afetam cães. A pesquisa foi realizada em artigos científicos publicados a partir de 2015, obtidos nas plataformas de busca Google Acadêmico, SciELO e PubMed. Além dos artigos científicos, foram consultados livros, manuais e guias especializados sobre o tema, com o intuito de fornecer uma análise abrangente e detalhada acerca dos alergênicos alimentares em animais domésticos. O método de inclusão das fontes foi realizada de forma criteriosa, priorizando publicações de qualidade a partir do ano de 2015, atualidade e relevância para os objetivos do estudo, de modo a garantir a consistência e a confiabilidade da análise.

Revisão de Literatura

A hipersensibilidade alimentar em cães tem sido cada vez mais discutida na literatura veterinária, tanto pela sua relevância clínica quanto pela complexidade de mecanismos imunológicos que envolvem a doença. Trata-se de uma das dermatopatias alérgicas mais diagnosticadas, ficando atrás apenas da dermatite atópica e da hipersensibilidade à picada de ectoparasitas (Oliveira *et al.*, 2025). Contudo, sua verdadeira incidência é de difícil determinação, em grande parte pela sobreposição de sinais clínicos com outras alergias e pelo fato de muitos animais apresentarem quadros mistos, o que pode atrasar ou mascarar o diagnóstico definitivo. Pesquisas mais recentes, como a de De Aquino Gomes *et al.* (2024), apontam que a resposta dos cães aos testes de dieta de eliminação pode variar conforme o tipo de proteína utilizada, reforçando a necessidade de acompanhamento clínico constante e individualização dos protocolos diagnósticos.

Etiologia e Mecanismos de Risco

Os mecanismos que levam à hipersensibilidade alimentar permanecem apenas parcialmente compreendidos. Segundo Centurião (2023), em humanos predomina a hipersensibilidade do tipo I, mediada por IgE, com sinais clínicos rápidos após a exposição ao alérgeno, mas também podem ocorrer respostas tardias mediadas pelos tipos II e IV, fenômeno semelhante ao descrito em cães e gatos. Bellanti (2024), ressalta que a interação entre enterócitos, barreira intestinal e células imunes é fundamental para o desencadeamento das reações, envolvendo tanto vias IgE-

dependentes quanto mecanismos não-IgE, o que reforça a hipótese de uma base fisiopatológica compartilhada entre espécies.

No que se refere a fatores de risco, Oliveira *et al.* (2025) afirmam que não existe consenso quanto à predisposição racial, etária ou sexual. De forma semelhante, Jackson (2023) reforça que a hipersensibilidade alimentar pode se manifestar em qualquer cão, independentemente de sexo e idade. Ainda assim, determinados trabalhos sugerem ocorrência mais frequente em raças específicas como Boxer, Dachshund, Golden Retriever, West Highland White Terrier, Dálmata e Pastor Alemão, o que pode refletir predisposições anatômico-fisiológicas ou simplesmente maior exposição alimentar a certos ingredientes (Duranti, 2012).

A literatura recente também discute a importância da barreira intestinal e da tolerância imunológica oral. Como apontam Duranti (2011) e Campos (2023), três eixos são fundamentais para o equilíbrio imunológico frente a proteínas alimentares: (i) a integridade da mucosa intestinal, (ii) a ação coordenada da resposta imune inata e adaptativa e (iii) os mecanismos de tolerância antigênica. Quando esse equilíbrio é rompido, seja por falhas na barreira, por desregulação da resposta imune ou por predisposição individual, há maior risco de desenvolvimento de hipersensibilidade alimentar.

Fisiopatogenia

A literatura demonstra que a doença não se limita a uma única via imunológica. Segundo Jackson (2023), a reação mais clássica envolve a produção de IgE, que, ao se ligar a mastócitos e basófilos, promove a liberação de histamina e outros mediadores inflamatórios, resultando em prurido e eritema. Entretanto, Shimakura e Kawano (2021) observaram em seu estudo clínico que muitos cães apresentaram sinais apenas horas ou dias após o desafio alimentar, evidenciando que mecanismos tardios também participam do processo. Esse achado dialoga com as observações de De Andrade (2018), que defende uma etiologia multifatorial, envolvendo tanto fatores intrínsecos (como alterações imunológicas e de barreira cutânea) quanto extrínsecos (alérgenos, poluentes, dieta e microbiota).

Day (2005) já havia destacado que a hipersensibilidade alimentar em cães é um modelo natural de resposta imunológica heterogênea, com envolvimento de diferentes tipos de hipersensibilidade. Esse ponto converge com as observações de Duranti (2012), que alertou para a dificuldade diagnóstica devido à sobreposição com outras doenças alérgicas.

O trato gastrointestinal é a principal interface do organismo com o ambiente externo, estando constantemente exposto a moléculas provenientes da alimentação e de outros fatores ambientais. Devido à presença de vilosidades e microvilosidades, o intestino apresenta uma superfície amplamente aumentada para esse contato (Junqueira; Carneiro, 2004).

Para manter o equilíbrio entre proteção e tolerância imunológica, o organismo depende da integridade da mucosa intestinal, de uma resposta imune regulada e da microbiota intestinal. Alterações nessa microbiota, caracterizadas como disbiose, comprometem a função de barreira, favorecem o aumento da permeabilidade intestinal e contribuem para respostas inflamatórias e reações de hipersensibilidade alimentar (Duranti, 2012).

Alérgenos Alimentares

Os principais desencadeadores descritos na literatura incluem carne bovina, frango, derivados lácteos, ovos e cereais como trigo e milho. As proteínas presentes nesses alimentos, como albumina sérica bovina, imunoglobulinas, caseína, ovalbumina e ovomucóide, possuem alto peso molecular e resistência ao calor e à digestão enzimática, características que favorecem sua persistência e ação como antígenos (Oliveira *et al.*, 2025; Jackson, 2023).

Autores como Restani *et al.* (2009) e Pali-Schöll *et al.* (2017) reforçam ainda a possibilidade de reações cruzadas, como entre carne bovina e leite ou entre ovo e leite. Martin (2004) e Kang *et al.* (2014), descrevem que proteínas vegetais como prolaminas do trigo e zeína do milho mantêm potencial antigênico mesmo após processamento industrial.

A ampla presença desses ingredientes nas rações comerciais, associada a processos de conservação, pode explicar sua predominância como desencadeadores, mais do

que um potencial alergênico exclusivo. Nesse sentido, Macedo *et al.* (2018) e Bragança e Queiroz (2020) sugerem que dietas alternativas, como a alimentação natural bem formulada, podem reduzir a exposição repetitiva a proteínas comuns, desde que supervisionadas profissionalmente. Esse tipo de dieta baseia-se na utilização de ingredientes frescos e minimamente processados, substituindo as fontes proteicas tradicionais por opções inéditas, como carne de cordeiro, coelho, peixe ou pato, associadas a carboidratos de baixa alergenicidade, como mandioca, batata-doce e arroz integral (Teixeira *et al.*, 2022).

As rações comerciais formuladas especificamente para cães com hipersensibilidade alimentar têm se mostrado uma ferramenta essencial no manejo clínico da doença. As dietas hidrolisadas, compostas por proteínas quebradas em peptídeos de baixo peso molecular, reduzem a antigenicidade e, conseqüentemente, a resposta imunológica dos animais sensibilizados. No entanto, estudos apontam que, em alguns casos, essas dietas podem ainda conter fragmentos capazes de estimular linfócitos T reativos, exigindo monitoramento clínico constante durante sua utilização (Pucheu-Haston *et al.*, 2015).

O uso dessas rações especializadas, associado à avaliação nutricional e acompanhamento veterinário, permite não apenas o controle dos sinais clínicos, mas também a identificação mais precisa dos alérgenos envolvidos, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos animais acometidos (Lopes *et al.*, 2021).

Manifestações Clínicas

Os sinais clínicos descritos por Gaschen e Merchant (2011) incluem principalmente prurido não sazonal de intensidade variável, com acometimento frequente da face, orelhas, membros e região ventral. A persistência do prurido leva a lesões de automutilação, resultando em alopecia, escoriações, eritema e infecções bacterianas secundárias. Em alguns casos, as lesões tornam-se crônicas, com liquenificação e hiperpigmentação. De acordo com Jackson *et al.* (2023), essas manifestações cutâneas estão diretamente relacionadas à ativação de mastócitos e liberação de citocinas inflamatórias, como a histamina e a interleucina-31, que perpetuam o prurido e a inflamação dérmica.

Embora menos frequentes, manifestações gastrointestinais ocorrem em menos de 20% dos cães (Moreno & Tavera, 1999; Jasmin, 2001; Paterson, 2008), frequentemente associadas ao quadro cutâneo, o que aumenta a suspeita diagnóstica. Incluem vômitos, diarreia, dor abdominal, flatulência e colite. Além disso, alterações comportamentais, como irritabilidade e hiperatividade, também foram descritas (Wills & Halliwell, 1994), possivelmente relacionadas ao desconforto crônico.

Os sinais gastrointestinais decorrem da resposta imunológica exacerbada a antígenos alimentares presentes no lúmen intestinal. Segundo Martínez *et al.* (2022), a hipersensibilidade alimentar pode levar ao aumento da permeabilidade da mucosa intestinal e ao desequilíbrio da microbiota, facilitando a translocação de proteínas parcialmente digeridas e a ativação de linfócitos T. Esse processo desencadeia inflamação local e alterações na motilidade gastrointestinal, explicando a ocorrência de diarreia, flatulência e dor abdominal em cães sensibilizados.

Diagnóstico

O diagnóstico permanece um desafio. Jeffers, Shanley e Meyer (1991) demonstraram que testes sorológicos e intradérmicos não apresentam acurácia adequada. Estudos mais recentes corroboram essas observações, apontando que a dieta de eliminação, seguida da reintrodução controlada dos alimentos suspeitos, continua sendo o método mais confiável para o diagnóstico definitivo da hipersensibilidade alimentar (Jackson, 2023). Essa abordagem permite a observação direta da resposta clínica do animal, eliminando interferências imunológicas e fornecendo uma base objetiva para o manejo terapêutico.

Quanto à condução dessa dieta, Oliveira *et al.* (2025) e Shimakura e Kawano (2021) ressaltam que deve ser mantida por um período mínimo de oito semanas, visto que alguns animais demoram mais para apresentar regressão dos sinais clínicos. Posteriormente, a reintrodução gradual dos alimentos suspeitos permite confirmar a associação causal.

Apesar de dietas caseiras com proteína inédita serem consideradas o padrão mais confiável (Dunn, 2020), fatores logísticos e a baixa adesão dos tutores frequentemente limitam sua aplicação. Nesse cenário, dietas comerciais hidrolisadas surgem como

alternativa viável, embora existam relatos de risco de contaminação cruzada (Jackson, 2023). Ainda assim, sua praticidade e disponibilidade fazem delas uma opção clínica importante.

Considerações Finais

A literatura demonstra que a hipersensibilidade alimentar em cães é uma enfermidade multifatorial, na qual interagem falhas de tolerância imunológica, barreiras intestinais e fatores dietéticos. As manifestações clínicas são predominantemente dermatológicas, mas podem envolver o trato gastrointestinal e até alterações comportamentais. Apesar da multiplicidade de sinais, o diagnóstico permanece fortemente dependente da dieta de eliminação e provocação.

Além de sua relevância clínica, a doença nos cães também oferece importante contribuição científica, já que esses animais compartilham mecanismos imunológicos com os humanos e podem servir como modelo translacional para avanços no manejo de alergias alimentares.

Referências

BELLANTI, J. A. IgE and non-IgE food allergy: a review of immunological mechanisms. **Annals of Allergy, Asthma & Immunology**, 2024.

BRAGANÇA, D. R.; QUEIROZ, E. O. Manejo nutricional de cães e gatos e as tendências no mercado pet food: revisão. **PUBVET**, v. 15, n. 2, p. 1–11, 2020.

CAMPOS, M. C. A. O.; SILVA, M. R.; SIQUEIRA, M. S.; SILVA, T. J. F.; MUNIZ, V. E. D.; LIMA, L. S. *et al.* Hipersensibilidade alimentar em cão: breve revisão e relato de caso. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 16, n. 11, p. 24891–24914, 2023.

CENTURIÃO, C. Hipersensibilidade alimentar em cães e gatos: diagnóstico e tratamento. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária) – Centro Universitário Sogna, 2023.

DAY, M. J. The canine model of dietary hypersensitivity. **Proceedings of the Nutrition Society**, v. 64, n. 4, p. 458–464, 2005.

DE ANDRADE, L. S. B. Aspectos clínicos e epidemiológicos e avaliação da disbiose cutânea em cães com dermatite atópica. Tese (Doutorado em Ciência Animal) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

DE AQUINO GOMES, M. F.; PEREIRA, F. J.; ROCHA, S. M.; ALVES, L. M. Hipersensibilidade alimentar canina: uma revisão narrativa da literatura. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 10, p. e63131047120, 2024.

DUNN, K. Elimination diet trials in dogs: clinical approach. **Veterinary Dermatology**, v. 31, n. 6, p. 441–448, 2020.

DURANTI, R. G. Dermatite alimentar em pequenos animais: aspectos clínicos. **Revista Clínica Veterinária**, v. 17, n. 97, p. 56–61, 2012.

DURANTI, R. G. Dermatite trofoalérgica (alergia alimentar) em cães – revisão de literatura. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GALDINO, Arietha Anjos. Percepção dos tutores sobre produtos comerciais e manejo alimentar adotado para cães. 2021. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Zootecnia) – Instituto Federal Goiano, Campus Rio Verde, Rio Verde, 2021.

GASCHEN, F. P.; MERCHANT, S. R. Adverse food reactions in dogs and cats. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v. 41, n. 2, p. 361–379, 2011.

JACKSON, H. A.; WATSON, A. L.; ROSENKRANTZ, W. S.; MUELLER, R. S. Food allergy in dogs and cats: current perspectives on pathogenesis, diagnosis, and treatment. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 261, n. S1, p. S32–S40, 2023.

JACKSON, H. A. Food allergy in dogs and cats: current perspectives on etiology, diagnosis, and management. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 261, n. S1, p. S23–S31, 2023.

JASMIN, P. Alergia alimentar em cães e gatos: sinais clínicos. **Revue Vétérinaire Française**, v. 152, n. 4, p. 312–317, 2001.

JEFFERS, J. G.; SHANLEY, K. J.; MEYER, E. K. Diagnostic testing for food allergy in dogs: comparative sensitivity of three methods. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 198, n. 2, p. 245–250, 1991.

JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. Histologia básica. 10. ed. Rio de Janeiro: **Guanabara Koogan**, 2004.

KANG, I.; PARK, Y.; PARK, J.; LEE, J.; PARK, S. Heat-resistant food allergens in cereals: immunological characterization. **Journal of Agricultural and Food Chemistry**, v. 62, n. 8, p. 1822–1829, 2014.

LOPES, A. C. C.; SANTOS, M. R.; BARBOSA, G. L.; ALMEIDA, P. F. Estratégias nutricionais no manejo de hipersensibilidades alimentares em cães. **Revista Científica de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 25, n. 3, p. 112–120, 2021.

MACEDO, H. T.; OLIVEIRA, M. C.; COSTA, L. S. Alimentos não convencionais para cães e gatos. In: *Novos desafios da pesquisa em nutrição e produção animal*. p. 90–95, 2018.

MARTIN, A. Wheat and maize prolamins and their role in food allergy. **Allergy**, v. 59, n. 6, p. 599–603, 2004.

MARTÍNEZ, A. F.; LÓPEZ, J. C.; RIVERA, P. M. Gastrointestinal immune responses associated with food hypersensitivity in dogs. **Veterinary Immunology and Immunopathology**, v. 251, p. 110476, 2022.

MORENO, E. C.; TAVERA, F. J. T. Hipersensibilidad alimentaria canina. **Veterinaria México**, v. 30, n. 1, p. 67–77, 1999.

OLIVEIRA, R. M.; COSTA, J. P. R.; PRADO, B. T.; GUEDES, E.; ALMEIDA, S. T. J.; ALVES, B. H. Hipersensibilidade alimentar em cães: uma revisão. **Agroveterinária**, v. 7, n. 1, p. 113–131, 2025.

PALI-SCHÖLL, I.; JENSEN-JAROLIM, E. Anti-food allergy effects of probiotics: an update. **Annals of Allergy, Asthma & Immunology**, v. 118, n. 2, p. 135–143, 2017.

PATERSON, S. Food hypersensitivity in 20 dogs: diagnosis and management. **Journal of Small Animal Practice**, v. 49, n. 11, p. 574–579, 2008.

PUCHEU-HASTON, C. M.; JACKSON, H. A.; OLIVRY, T. Review: role of hydrolyzed diets in canine food hypersensitivity. **Veterinary Dermatology**, v. 26, n. 4, p. 223–229, 2015.

RESTANI, P.; BALLABIO, C.; TRIPODI, S.; FIOCCHI, A. Meat allergy. *Current Opinion in Allergy and Clinical Immunology*, v. 9, n. 3, p. 265–269, 2009.

SHIMAKURA, H.; KAWANO, K. Results of food challenge in dogs with cutaneous adverse food reactions. **Veterinary Dermatology**, v. 32, n. 1, p. 1–9, 2021.

TEIXEIRA, D. F.; RODRIGUES, L. M.; FONSECA, R. C. Avaliação nutricional de dietas naturais em cães com distúrbios dermatológicos. **PUBVET**, v. 16, n. 7, p. 1–10, 2022.

WILLS, J.; HALLIWELL, R. E. W. Food allergy in the dog and cat. **Veterinary Record**, v. 134, n. 5, p. 110–113, 1994.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALESSIO, B. C. *et al.* Hipersensibilidade alimentar em um cão. **Anais da X Mostra Científica FAMEZ/UFMS**, Campo Grande: Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2017.
- ÂNGELO, N. G. S. Hipersensibilidade alimentar em cão – relato de caso. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária) – Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2022.
- AMARAL, L. R. S.; MENDONÇA, J. F. M. Dermatite trofoalérgica em cão da raça Maltês – relato de caso. **Revista de Trabalhos Acadêmicos – Centro Universo Juiz de Fora**, n. 13, Juiz de Fora, 2021.
- BESTEIRO, M. Dermatite canina: tipos, causas e tratamento. **Perito Animal**, 2019. Disponível em: <https://www.peritoanimal.com.br/dermatite-canina-tipos-causas-e-tratamento-22555.html>. Acesso em: 3 jul. 2025.
- BRAGANÇA, D. R.; QUEIROZ, E. O. Manejo nutricional de cães e gatos e as tendências no mercado pet food: revisão. **PUBVET**, v. 15, n. 2, p. 1–11, 2021.
- CAMPOS, M. C. A. O.; SILVA, M. R.; SIQUEIRA, M. S.; SILVA, T. J. F.; MUNIZ, V. E. D.; LIMA, L. S. *et al.* Hipersensibilidade alimentar em cão: breve revisão e relato de caso. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 16, n. 11, p. 24891–24914, 2023.
- CENTURIÃO, C. Hipersensibilidade alimentar em cães e gatos: diagnóstico e tratamento. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária) – Faculdade de Ciências Veterinárias, Centro Universitário Sogna, 2023.
- CLINIPET. Piodermite bacteriana canina. **Clínica Veterinária**, 2016. Disponível em: <https://clinipet.com/Artigo/listar/piodermitebacteriana>. Acesso em: 3 jul. 2025.
- DE ANDRADE, L. S. B. Aspectos clínicos e epidemiológicos e avaliação da disbiose cutânea em cães com dermatite atópica. Tese (Doutorado em Ciência Animal) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

DE AQUINO GOMES, M. F.; PEREIRA, F. J.; ROCHA, S. M.; ALVES, L. M.

Hipersensibilidade alimentar canina: uma revisão narrativa da literatura. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 10, p. e63131047120, 2024.

DE OLIVEIRA, Rebeka Machado et al. Hipersensibilidade alimentar em cães: um relato de caso. **Natural Resources**, v. 14, n. 3, p. 28-37, 2024.

DURANTI, R. G. Dermatite trofoalérgica (alergia alimentar) em cães – revisão de literatura. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GASCHEN, F. P.; MERCHANT, S. R. Adverse food reactions in dogs and cats.

Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice, v. 41, p. 361–379, 2011.

GROSS, T. L. *et al.* Veterinary dermatopathology: a macroscopic and microscopic evaluation of canine and feline skin disease. Saint Louis: Mosby, 1992.

JACKSON, H. A.; WATSON, A. L.; ROSENKRANTZ, W. S.; MUELLER, R. S. Food allergy in dogs and cats: current perspectives on pathogenesis, diagnosis, and treatment. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 261, n. S1, p. S32–S40, 2023.

JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. Histologia básica. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

MACEDO, H. T. *et al.* Alimentos não convencionais para cães e gatos. In: *Novos desafios da pesquisa em nutrição e produção animal*. p. 90–95, 2018.

MASUDA, K. *et al.* Hydrolyzed diets may stimulate food-reactive lymphocytes in dogs. **The Journal of Veterinary Medical Science**, 2020.

MORENO, E. C.; TAVERA, F. J. T. Hipersensibilidad alimentaria canina. **Veterinaria México**, v. 30, n. 1, p. 67–77, 1999.

RODRIGUES, R. N. S. *et al.* Avaliação do teste de contato com aeroalérgenos em cães com dermatite atópica. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, v. 86, n. 5, p. 943–949, 2011.

RONDELLI, M. C. H.; COSTA, M. T. Dermatologia. In: CRIVELLENTI, L. Z.; CRIVELLENTI, S. B. *Casos de rotina em medicina veterinária de pequenos animais*. 2. ed. São Paulo: MedVet, 2015.

SALZO, P. S.; LARSSON, C. E. Hipersensibilidade alimentar em cães. **Arquivos Brasileiros de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 61, n. 3, p. 598–605, 2009.

SANTOS, R. L.; ALESSI, A. C. Patologia veterinária. 2. ed. São Paulo: Roca, 2016.

SHIMAKURA, H.; KOJI, K. Results of food challenge in dogs with cutaneous adverse food reactions. **Veterinary Dermatology**, v. 32, n. 1, p. 1–9, 2021.

SILVA, I. S.; GRILLO, G. F. Hipersensibilidade alimentar em cães. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária) – UNICEPLAC, Brasília, 2022.

TIFFANY, S. *et al.* Assessment of dog owners' knowledge relating to the diagnosis and treatment of canine food allergies. **Canadian Veterinary Journal**, v. 60, n. 3, p. 268–274, 2019.

WEIS, M. Hipersensibilidade alimentar em cães – revisão de literatura. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Rio Grande do Norte, 2011.